

LUTA CONTRA A FOME NO LIXO

Pesquisa mostra aumento da miséria no último ano. No Centro do Rio, pessoas aguardam mercado descartar restos para terem o que comer. Cena já virou rotina. **PÁGINA 9**



OSPREY VEZAS/THINKSTOCK/AGENCIA OZ

A DOR DA FOME

Miséria avança no Brasil

Mais de 5 milhões estão abaixo da linha da extrema pobreza nas regiões metropolitanas

etycia Cardoso e Leticia Lopes
e Glaucete Cavalcanti
economia@oglobo.com.br

► O número de pessoas em situação de pobreza saltou para 19,8 milhões nas regiões metropolitanas do Brasil em 2021, sendo que mais de 5 milhões estão ainda abaixo da linha da extrema pobreza. O dado representa um crescimento de 3,9 milhões no número de pobres no país em comparação ao ano anterior.

As informações são do Boletim Desigualdade nas Metrópoles, produzido pelo Observatório das Metrópoles, da PUC-RS, em parceria com a Rede de Observatórios da Dívida Social na América Latina (RedODSAL). Segundo o estudo, a interrupção do auxílio emergencial, com a retomada posteriormente para

uma base menor e com valor reduzido, foi o principal acelerador do processo.

Andre Salata, um dos coordenadores da pesquisa, diz que a pobreza e a extrema pobreza já vinham crescendo antes da pandemia, “com o aumento da desocupação e o enfraquecimento de políticas sociais. No entanto, a crise sanitária aprofundou o problema”.

Nas grandes metrópoles, é cada vez mais comum cenas de pessoas que, sem ter o que comer, buscam restos de comida no lixo, como na imagem ao lado, onde populares catam restos de um caminhão de lixo na Rua do Rezende, no Centro do Rio. São pedaços de carne, frutas e legumes descartados por um supermercado da região e garimpados na sujeira para matar a fome.

Dona de uma barraca de plantas próxima ao local, a florista Márcia Neves, de 60 anos, observa a movimentação quando o caminhão que recolhe o lixo para nos fundos do supermercado. E o mesmo se repete a poucos metros dali, na área de carga e descarga de outro estabelecimento:

— Toda vez que o caminhão para, as pessoas se juntam, sempre na parte da manhã. Um avisa o outro, e vão chegando. É uma sensação de impotência ver a fome estampada no rosto das pessoas — desabafou a florista.

Marcelo Neri, diretor da FGV Social, diz que a oscilação do benefício promoveu uma “montanha russa de pobres”:

— Em relação a 2020, quando começou a ser pago o auxílio emergencial, cerca de 50 milhões de pessoas perderam o benefício. Os pobres passaram de 65,4 milhões, no início da pandemia, para 42 milhões, no meio de 2020, e depois para 71,9 milhões, no começo de 2021.

O impacto da informalidade

► Segundo Andre Salata, os mais pobres perderam um terço da renda por estarem mais concentrados na informalidade e terem menor escolaridade:

— O auxílio emergencial de R\$ 600 conseguiu segurar os indicadores sociais em 2020. A interrupção do pagamento no ano seguinte foi equivocada, porque o mercado de trabalho ainda não tinha se restabelecido.

Marcelo Neri, diretor da FGV Social, diz que a oscilação do benefício promoveu uma “montanha russa de pobres”.

— Em relação a 2020, quando começou a ser pago o auxílio emergencial, cerca de 50 milhões de pessoas perderam o benefício.

Em 2014, os 40% mais pobres das regiões metropolitanas registravam R\$ 515 de ren-

da média. Em 2019, esse valor havia recuado para R\$ 470. No ano passado, chegou a R\$ 396.

Salata reconhece que o Auxílio Brasil vai ter resultado em redução de desigualdade até o final do ano. Mas alerta:

— O que vai acontecer com os R\$ 600 em 2023? Foi essa variação na transferência de renda que fez a taxa da pobreza explodir. x



Na Rua do Rezende, no Centro, um grupo de pessoas cata restos de comida em caminhão de lixo